



FESTAS DA SEMANA SANTA  
EM BRAGA

**CONCERTO CORAL-SINFÓNICO**

TEATRO CIRCO

31 de Março de 1952 — às 21,45 horas

**GRANDE CONCERTO CORAL-SINFÓNICO**

INTEGRADO NAS SOLELNIDADES DA SEMANA SANTA

Orquestra Sinfónica do Porto

e

Schola Contorum do Seminário  
Conciliar de Braga

Com a colaboração da cantora

ANA BIERMAN DE BRITO ARANHA

sob a direcção de

FREDERICO DE FREITAS

e

MANUEL FABIA

Ensaaiador do coro

P.<sup>º</sup> ALBERTO BRAZ

## PROGRAMA

### 1.ª PARTE

- I — CHACONNE . . . . . *J. S. Bach*  
VERSÃO ORQUESTRAL DE FREDERICO DE FREITAS
- II — MISSA VOTIVA . . . . . *Manuel Faria*  
CORO A 3 VOZES E ORQUESTRA
- a) Kyrie  
b) Gloria  
c) Sanctus-Benedictus  
d) Credo  
e) Agnus Dei

### 2.ª PARTE

- AS SETE PALAVRAS DE NOSSA SENHORA . . . *Frederico de Freitas*  
Cantata para voz de soprano e orquestra sobre texto poético do  
P.ª MOREIRA DAS NEVES
- I — PRELÚDIO
- II — DO CÉU A NAZARÉ (Primeira e Segunda Palavra)  
« COMO PODE ISTO SER SE EU NÃO CONHEÇO VARÃO? »  
« EIS AQUI A ESCRAVA DO SENHOR! FAÇA-SE EM MIM SEGUNDO A VOSSA  
PALAVRA! »
- III — KARÊM: CASA DO PROFETA (Terceira e Quarta Palavra)  
« SAUDOU ISABEL . . . »  
« A MINHA ALMA ENGRANDECE AO SENHOR! »
- IV — CAMINHO DE JERUSALÉM (Quinta Palavra)  
« FILHO, PORQUE NOS PUGISTE ASSIM? TEU PAI E EU ANDÁVAMOS À TUA  
PROCURA, CHEIOS DE ANGÓSTIA »
- V — HORA DO PRIMEIRO MILAGRE (Sexta e Sétima Palavra)  
« NÃO TEM VINHO . . . »  
« FAZEI TUDO O QUE ELE VOS DISSER »
- VI — O CANTICO DO SILÊNCIO (Epilogo)  
Solista: ANA BIERMAN DE BRITO ARANHA

NOTA — TODOS OS NÚMEROS DESTA PROGRAMA SÃO PRIMEIRAS AUDIÇÕES EM BRAGA

### Frederico de Freitas

Ele aqui um dos nomes mais ilustres e marcantes do recente movimento musical português. Compositor de primeira plana, tido no estrangeiro como chefe de escola, atinge as culminâncias da sua arte precisamente em «As Sete Palavras de Nossa Senhora» e na «Missa Solene».

Como director de orquestra tem percorrido toda a Europa e o Brasil, mas o seu mais lúcido padrão de glória está no nível a que guiou a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, por obra de abnegado sacrifício e alta competência.

Desta vez têm-lo em Braga no fastígio de suas principais qualidades: Compositor e director da Orquestra Sinfónica do Porto.

### Manuel Ferreira de Faria

Nascido em 1916 em S. Miguel de Seide, ordenado de presbítero em Braga em 1939, bolseiro do Instituto para a Alta Cultura em Roma e aí formado durante a guerra, no Pontifício Instituto de Música Sacra, tem desenvolvido a sua actividade no Seminário Arquidiocesano de Braga como compositor e professor de Canto Gregoriano, desde 1946, sendo hoje a primeira vez que se apresenta à frente da Orquestra Sinfónica.

### Ana Bierman de Brito Aranha

Natural de Rotterdam (Holanda) completou seus estudos em Paris, passando a seguir sua classe de cantora através da Europa ora em recitais seus, ora de colaboração com afamados agrupamentos coral-sinfónicos. Fixada finalmente em Portugal, aqui continuou sua carreira concertística, sendo que, seus méritos oficialmente consagrados a levaram à Cátedra do Conservatório Nacional, onde actualmente é professora.

JOÃO SEBASTIÃO BACH — EISENACH, 1685 — (LEIPZIG, 1750)

CHACONNE — Versão orquestral de Frederico de Freitas

BACH é como um poliedro de cristal, que nos parece sempre mais esplendente na facesta em que incide a luz do sol — assim o assombroso Cantor se afigura sempre maior do ponto de vista em que, de cada vez, o encaramos. Hoje é o Bach violinista que parece sobrepujar. As suas três sonatas e outras tantas partitas para violino solo, atingem, se não ultrapassam, o limite do possível em técnica violinística. Nem Paganini conseguiu ir além da *Chaconne*. A ideia de transformar o violino em instrumento polifónico independente vem já de trás, da Alemanha do Norte, cujos violinistas, intrigados de não poderem acompanhar os Italianos no virtuosismo melódico, se vingaram assim com a técnica de cordas simultâneas. Bach, porém, levou esta técnica ao ponto de por vezes se sentir maior prazer na simples leitura do que na própria execução, por mais perfeita que seja.

Exemplar acabado desta arte é a famosa *Chaconne* da 2.ª partita (em ré menor). *Chaconne* era uma peça instrumental muito aparentada com a *passacaglia*, sobre baixo obstinado de 8 compassos, de movimento lento, seguido de variações.

É inenunciável como uma frase tão pequena, continuamente repetida (bem que modificada) sobre o mesmo baixo, num instrumento tão avesso à harmonia como o violino, consegue conservar o interesse da ovação, e — ainda mais — aumentá-la sempre até ao fim. Tal se deve aos inenunciáveis tesouros polifônicos subiacentes em tão admirável música, e que, só adivinhados, já nos subjugam. Frederico de Freitas, com uma devoção que lhe vem desde os bancos da escola, acercou-se desse monumento e trouxe à luz do dia todos esses tesouros, através duma versão orquestral opulenta de cor, som e virtuosismo polifónico. Nisto seguiu, afinal, o exemplo do próprio João Sebastião, que destas sonatas fez diversas transcrições para órgão, como para cravo e até orquestra (pelo menos de trechos isolados). Eis aí como, exposto bem claro o maravilhoso tema, as variações se sucedem em contínuas imitações, ora dos instrumentos entre si, ora das diversas massas sonoras, ora entre tudo ao mesmo tempo, surgindo umas atrás de outras, linhas nítidas, que tanto lembram as *fugas*, como os *prelúdios*, os *corais* ou as *fantasias e toccatas* do Grande Eisenach. Agora se compreende bem a observação de Alberto Schweitzer: «Quando ele (Bach) compõe, compõe para violino, ou melhor, para um instrumento ideal que tivesse a potência de som do órgão, e a maleabilidade de fraseado do violino».

MANUEL FARIA — SEDE, 1916

#### MISSA VOTIVA — para três vozes e orquestra

Escrita, há três anos em cumprimento dum voto a Nossa Senhora, e orquestrada agora com vista ao presente concerto, esta *Missa* representa na vida do seu compositor o rumo estético que ultimamente o vem norteando: pouca retórica, conclusão de linguagem, linhas nítidas e incisivas, sem prejuízo do fundamental cânone: expressão.

Assim o *Kyrie*, embora breve, logo procura criar o ambiente de ingenuidade gregorizante, que melhor se afirmará depois, nos acordes estranhamente etérios do *Soneto* e nas imitações melódicas do *Benedictus*, que lembra inevitavelmente uma procissão eucarística dentro das quatro paredes da pequena igreja dum convento.

O *Gloria* de inspiração quase pastoril requer especial atenção para o *Gratias agimus Tibi*, a recordar a misteriosa salmodia dos monges.

O *Credo* é essencialmente rítmico. Seu tema principal é o início do *Credo IV* do «*Kyriale romanum*», mas revivido completamente, segundo as ideias do autor sobre o assunto, explanadas em recente conferência.

A primeira parte — até ao *Incarnatus* — é constituída sobre o tema rítmico instrumental e o recitativo do coro, os dois sempre respondendo um ao outro. O *Incarnatus* é uma brevíssima meditação, cuja nota dominante é o recolhimento.

No «*Ressurrexit*» retin: nas trombetas outra vez o tema rítmico a dar balanço ao coro, que logo arranca.

No *Spiritus Sanctus* inicia-se uma espécie de coral, que dos baixos passa à segunda voz para terminar no conjunto de coro e orquestra de harmonia estranha — *Et unum, sanctum...*, e que agitado em *Et vitam venturi saeculi* conclui finalmente na afirmação entusiasta do *Amen*.

No *Agnus Dei* temos outra vez a peça simples do *Kyrie*, que em *dona nobis pacem* primeiro se aflige para depois seguir resignada em adoração como na procissão do *Benedictus* e descansar finalmente em paz — na paz de Cristo, «que o mundo não sabe dar».

## As Sete Palavras de Nossa Senhora

### CANTATA

A cantata *As Sete Palavras de Nossa Senhora* tem o seu texto poético no poema do mesmo título do P.<sup>o</sup> Moreira das Neves, publicado em 1928 como «cantata, seguida de outros versos marianos».

Desde há muito que Frederico de Freitas planeava a obra para que o Poeta encontrasse o assunto e a forma literária inspirada nas palavras de Nossa Senhora a que os evangelistas S. Lucas e S. João conservaram e S. Bernardino de Sena relembrou num famoso sermão.

A composição musical da vasta obra foi propriamente iniciada em 1935 e a maior parte da sua escrita data dos anos de 1936 a 1939, mas o seu epílogo (*Canto do Silêncio*) foi composto em 1946, quando todo o conjunto toma a sua forma definitiva.

A obra é dedicada à Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria da Assunção Vaz Fernandes Borges.

Nesta obra o principal protagonista é a orquestra, que representa o reflexo humano da alma de Maria, de forma que os seus impulsos, bastas vezes a tender para o esacerbamento, acabam sempre por ser corrigidos pela voz santamente resignada da Virgem. A orquestra cria o ambiente espiritual em que se desenrolam as cenas, e vai como que tentando adivinhar os sentimentos de Nossa Senhora.

A cantora cabe o papel difícil e sacrificado de substituir todos os personagens, ora narrando, ora gritando, ou cantando ou quase falando em certos soliloquios íntimos. Notar as partes narrativas, em que a declamação da cantora nasce da música natural da fonética oratória, enquanto a orquestra descreve o que exprimem as palavras, pelo que, convém acompanhá-las com a leitura do texto.

#### I — PRELÚDIO.

Aqui temos os principais temas da obra. O primeiro é o principal, a consubstanciação de tudo, e que ouviremos transformado nas águas das fontes (quadro IV) e nos passos dolorosos do último quadro. O segundo, exposto na flauta, completa o primeiro, exprimindo a dor de Jesus na Via-Sacra, chegando-se a contrapor simultaneamente com ele. Depois o violino *solo* canta uma melodia de sabor popular, que vai aparecer várias vezes, e é assumida pela cantora do V quadro. E, depois que as flautas evocam, em trilos acompanhados de harpa, os encantos da primavera, reaparece o tema principal a fechar o trecho.

#### II — DO CÉU DE NAZARÉ.

Primeira palavra — «Como pode isto ser, se eu não conheço varão?»  
Segunda palavra — «Eis aqui a escrava do Senhor! Faça-se em mim segundo a Vossa Palavra!»

Recitativo, no espírito acima indicado. Atenção ao «abrir de ceu» orquestral, quando aparece o anjo. Ave Maria: canta a flauta, logo dialogada pela cantora, como depois **violinos e oboés**, até que a **harpa** adivinha o coro triunfal que vai romper dos **metais** como anúncio da Incarnação do Verbo, ao badalar de **sinos** e tilintar de **sístros**. E, o anjo desaparece do seio das nuvens ao som da flauta pastoril.

### III — KARÉM: A CASA DO PROFETA.

Terceira palavra — «Sandou Isabel...»

Quarta palavra — «A minha alma engrandece ao Senhor!»  
Caminham as **cordas** em peregrinação a Karém, e cantam as **madeiras**, em polifonia, a saudação. E, entretanto, a cantora vai cantando como foi Magnificat! É o **trombone**, qual voz pontifical, que o entoia, no VIII tom dos salmos. E vai salmeando. Depois é o **violoncelo** e a **trompa**. Agora é mesmo a voz. E cresce, e esvai-se, e torna a crescer, até que, no fim, o **violoncelo** nos convida a cantar a «Salve Rainha!»

### IV — CAMINHO DE JERUSALÉM.

Quinta palavra — «Filho, porque não fizeste assim? Teu pai e eu, andávamos à tua procura, cheios de angústias.»

É a hora da imensa aflição. Caminha-se aqui também, mas é o caminhar arfante de angústia e apertar o coração e os passos. A orquestra quer que a Senhora grite, e ela não grita. A orquestra (que somos nós) não aguenta com a aflição, ansiosa, mas a Senhora aguenta. A Senhora pergunta por seu Filho aos elementos. A orquestra tenta responder, mas os elementos não respondem. Sente-se agora que o Menino vai aparecer na Cidade Santa, e a orquestra vai esboçando a interrogação da Senhora a seu Filho (solo da **viola** que, depois, cresce em toda a orquestra). E os **metais** são os doutores, e a **harpa** é Jesus.

### V — HORA DO PRIMEIRO MILAGRE.

Sexta palavra — «Não tem vinho...»

Sétima palavra — «Fazei tudo o que vos dissera.»  
Festim, oriental. Música e danças. Vocalizos melismáticos da cantora. É para o fim que a cantora canta a melodia, ao sabor popular, anunciada no **Prelúdio**.

### VI — CANTICO DO SILENCIO.

O tema principal reaparece, no **baixo**, transformado nos compassados passos da Via Dolorosa, e, ao mesmo tempo na **flauta** e na **trompa**, comentando amargamente, a espada de dor, no que se completa na sequência dos **violinos**, em trémulo. Mais uma vez a orquestra grita e quase desespera, ao passo que a Senhora sofre na resignação heróica do silêncio. E fanfarram os **clarins** dos soldados. E escabeja a raiva da cavalha. E, a Senhora lá vai com seu Filho, como um cordeiro que marcha para a morte. Revolta-se a própria natureza (brados dramáticos da orquestra toda), mas o grande tema principal volta sempre calmo e resignado, como a bênção do céu sobre os crimes humanos.

## Do Céu a Nazaré

### Primeira e Segunda Palavra

#### I

Vem na Bíblia Santa. Galileia. Um dia, já no fim da tarde, quando o sol morria, era a terra um berço. Nazaré dormia. Nazaré sonhava.

Nem um surto de asas. Mil milhões de estrelas eram infinitas procissões de velas em que a lua branca num andor passava...

E o luar nascia por detrás dos montes, a cobrir caminhos, descampados, fontes, árvores, areias do oriente loiro.

De repente abriu-se sobre o azul profundo um clarão tão puro, que lembrava ao mundo astros explodindo num dilúvio de oiro.

Eis o Anjo Heróico do Senhor que vem, todo em luz e neve, do formoso Além, entregar, à Virgem, divinal mensagem.

Serafins do espaço, ponde-vos à espreita!  
Vai falar o Anjo Gabriel à Eleita do Senhor. Ouvi-o em sua voz de aragem:

— Avé, Maria, Senhora,  
cheia de graça e de aurora!

Poquenino é o Teu abrigo,  
mas o Senhor é contigo!

Cheia de graça e de aurora,  
avé, Maria, Senhora!

E assustou-se a Virgem como um passarinho na pureza intacta e augusta do seu ninho, Nazaré dormente sob o luar risonho.

Recolhendo as asas, perfumando o ar,  
disse o Anjo, numa voz sem par,  
com palavras feitas de mistério e sonho:

— Não tremas, só por me veres,  
ó Bendita entre as mulheres.

Puseste os olhos nos céus  
e achaste a graça de Deus.

Hás-de dar um filho à luz  
a quem chamarás Jesus.

E Jesus há-de ser rei  
dum reino que nem eu sei...

Ora, a Virgem Doce, com o peito arfando,  
disse ao Mensageiro num murmúrio brando:

— TUDO QUE DIZES É VÃO,  
POIS NÃO CONHEÇO VARÃO!

#### II

E replica o Anjo à Virgem Nazarena,  
como um astro de oiro sobre uma açucena:

— És a primavera  
sempre cristalina.  
O que em Ti se opera,  
Deus o determina.

E Maria, extática, ajoelha e santa,  
Cruza as mãos no peito. Fecha o olhar e canta:

— Eis aqui a escrava  
Do Senhor, meu Deus,  
A florinha brava  
Sob a luz dos Céus!

Dentro em mim se faça  
Como só Deus quere.  
A Divina Graça  
Me há-de proteger!

Sobre o azul cresceram astros em cardume.  
Nas lareiras pobres acordara o lume.  
Sobre a terra abriram urnas de perfume.  
Concebeu a Virgem. Deus a nós se uniu.

Através da noite de luar albeite,  
por atalhos brancos do Jardim Florente,  
vitoriosamente  
Gabriel partiu...

## Karém: Casa do Profeta

Tercera e Quarta Palavra

I

Ninguém sabe como fora  
Que a Virgem, Nossa Senhora,  
saudara, um dia, sua Santa Prima.  
— Talvez em verso de doirada rima...

Talvez orando, com as mãos erguidas...  
Talvez cantando, com a alma em prece,  
como A vemos, às vezes, nas ermidas,  
como às vezes no céu nos aparece...

Talvez orando...

Talvez falando como as ondas falam  
no mar, quando, ao luar, a Deus invocam.  
— Há murmúrios que embalam  
as almas que se tocam...

Algum dia jamais se decifrou  
o sentido imortal da Letra Santa.  
Quis dizê-lo S. Lucas, mas ficou  
com a palavra morta na garganta...

E foi tão doce a voz da Virgem, entre  
os silêncios intactos de Israel,  
que despertara o Precursor no ventre  
(fecundo, por milagre) de Isabel.

E o deserto gritou além, além!  
E a voz da noite uniu-se à voz do dia:  
— Louvada seja a glória de ser mãe!  
Bendita sejas Tu, ó Flor do Bem!

Avé, Maria!  
cheia de graça e de aurora!  
Avé, Maria!

II

Ouçamos toda a alma do universo,  
— a voz do tempo e as vozes do infinito,  
o cântico dos astros, verso em verso,  
o tormento dos mundos, grito em grito!

Todas as vozes juntas na harmonia  
da natureza que ao Senhor se eleva,  
desde o clamor do sol, em pleno dia,  
aos soluços da noite, em plena treva:

Todas as vozes, numa voz apenas,  
atravessem as formas e as essências,  
o céu e a terra, as solidões serenas,  
e o turbilhão de fogo das consciências!

E tudo será nada  
ao pé daquela fala recitada,  
milagre de humildade entre fragâncias,  
com que Nossa Senhora Imaculada  
cobriu de glória os tempos e as distâncias.

*A minha alma engrandece ao Senhor.*

*E o meu espírito se perdeu no deslumbramento  
de Deus, Meu Salvador.*

*Porque Ele quis olhar para a humildade da sua  
serva: e por isso todas as gerações me  
chamarão Bem-aventurada.*

*Porque em mim fez maravilhas aquele que é  
Todo Poderoso; Aquêle cujo nome é santo;*

*Aquêle cuja misericórdia se espalha, de idade  
em idade, sobre todos os que o temem;*

*Com a força do seu braço, destruiu o orgulho  
dos soberbos.*

*Derribou a prepotência dos tons imperiais,  
exaltou as pobrezaas obscuras:*

*Deu fortunas aos mendigos, e aos ricos, des-  
pojou-os de todas as vaidades.*

*Magnificat!*

*Lembrando da sua misericórdia, recolheu Israel  
debaixo do seu manto.*

*Segundo a promessa que fizera aos nossos  
pais, a Abraão e à sua gente, para sempre!*

*Magnificat!*

*Magnificat!*

## Caminho de Jerusalem

Quinta Palavra

Olhando em derredor,  
apesar da grande multidão,  
Ela, que era mãe,  
não viu ninguém.

E não gritou, pois lhe parara o coração no  
peito.  
Faltava-lhe Jesus, e Jesus o seu Filho,  
Eternamente Eleito.

De repente, duas labaredas se acenderam nas  
suas pupilas,  
Como se dois vulcões rebentassem de duas  
lagoas tranquilas.

Todas as trevas se concentraram no abismo  
da sua alma forte.  
E a sua consciência, calma e pura como a  
Estrela do Norte.

Quando a noite caiu, num veludino silêncio  
de virgem languê,  
Sentiu-se atravessada de espadas e coberta  
de suor de sangue.

Sem que os lábios se lhe abrissem num desa-  
fogo de sílabas desconjuntas,  
Começou a plantar, dentro dela própria, uma  
floresta de perguntas.

**AOS CAMINHOS:**

Ó vós que conheceis os pés dos mendigos e  
dos heróis,  
Que passaram por vós, carregados de farras,  
pos ou de sóis,

Não sentis, no mistério desta hora, trilho em  
trilho,  
A doçura infinita do rasto de meu Filho?

**AOS POÇOS E ÀS FONTES:**

Ó vós que guardais o sangue das veias da  
terra profunda,  
E as lágrimas do céu, com que o céu nos  
inunda;

Vós que reflectis o corpo dos astros e acci-  
tais os beijos da luz:  
Não vos pediu a esmola duma gota de água  
a boca de Jesus?

**AS ARVORES:**

Ó vós que bebeis orvalho e sóis, debaixo da  
neve, a imagem das noivas que estão  
para casar.

Não sentistes que, sob os vossos ramos, de  
encontro aos troncos nus,  
Se tenha encostado, fatigado e arfante, o  
corpo de Jesus?

E AOS VENTOS pediu:

Trazei-me um eco da voz d'Aquele que eu trouxe em mim,  
Como tesoiro immaculado num sacrário palpitante de marfim,

Ou levai-me ao Seu encontro, em místico transporte,  
Mesmo que seja para além dos mundos, ou para além da vida ou para além da morte!

E enquanto a Virgem erguia no seu coração,  
contra a terra e o céu, estes pensamentos,  
Não lhe responderam os caminhos, nem as fontes, nem as árvores, nem os ventos.

## Hora do Primeiro Milagre

Sexta e Sétima Palavra

I

Caná. Hora de luz sacramental.  
Boda de casamento quase ao fim.  
Caná!

Bailam, nas almas, brancas alegrias.

Jesus assiste. Há cheiros de rosas,  
aromas embriagantes de alecrim  
e castas ambrosias.  
Caná!

A certa altura,  
diz de mansinho  
a Virgem:  
SENHOR, JÁ NÃO HÁ VINHO!

II

Para que a luz de Deus resplandecesse  
no primeiro milagre do Senhor;  
para que fosse realizada a prece  
da Virgem, horto de ouro sempre em flor;

Para que houvesse vinho novamente,  
nessa hora de céu em primavera,  
e vinho como nunca outrora houvera  
nas terras crepitantes do Oriente,

Bastou que a Virgem, apontando Cristo  
mandasse apenas:  
— FAZEI, EM TUDO, O QUE ELE VOS  
DISSER!

Mais jornada, mais interrogações, mais angústias de mãe,  
Até que chega, de novo às portas do templo,  
de Jerusalém,

A claridade transborda. Ressoa, lá dentro,  
um cântico de luz.

Entre os Doutores da Lei Antiga, mudos  
como sombras espantadas,  
Está Jesus!

Está Jesus, Verbo de Deus, Senhor das harmonias e das alvoradas,  
E Nossa Senhora, transfigurado agora o Seu olhar limpo e triste,  
Alvoroadamente, diz apenas:  
FILHO, POR QUE NOS FUGISTE?

## Epílogo

O Cântico do Silêncio

Vai Cristo para a cruz. Leva no rosto,  
pintado a sangue, o ósculo de Judas,  
Em toda a terra a hora é de sol-posto.  
O céu é mar fechado em trevas mudas.

Vejo a turba alucinada.  
Vejo Cristo passar no meio de alas.  
— E Tu, Senhora, vais tão calada!  
Senhora Nossa, por que não falas?

Sei que Jesus padece mil tormentos  
anunciados pelas Profecias.  
Correm blasfêmias no furor dos ventos  
E lágrimas nos olhos das judias.

Sei que dentro de Cristo, a dor caminha,  
caminham labaredas infinitas...  
— E Tu, Senhora, vais tão sózinha!  
Senhora Nossa, por que não gritas?

Oíço vibrar sarcasmos entre açoites  
e a loucura da turba a rir, a rir!  
Ergue-se a cruz. E sobre a cruz tombam as  
noites  
dos séculos que foram e hão-de vir.

Espantam-se no mar as ondas tristes.  
Rasgam as nuvens trovoadas soltas.  
— E Tu, Senhora, que a tudo assistes,  
guardas silêncio, não Te revoltas?...

E NOSSA SENHORA responde:

Nesta porcela sem fim  
que os céus e os mundos abala,  
tudo que há dentro de mim  
é ternura que não fala.

Nesta tragédia sem calma,  
que os próprios mortos agita,  
o que trago dentro da alma  
é piedade que não grita.

Todas as vozes reunidas  
numa só voz vingadora  
seriam forças perdidas  
ou astros lançados fora.

A dor  
é quando guarda silêncio  
que atinge a glória do Amor!

PREÇO: 5\$00

OFIC. GRÁF. DA LIVRARIA CRUZ — BRAGA  
500 EX. 29-III-953